

ACESSIBILIDADE, INCLUSÃO E DIREITOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DO IFRS - CAMPUS RESTINGA¹

ACCESSIBILITY, INCLUSION AND RIGHTS: AN EXPERIENCE OF AN EXTENSION PROJECT OF IFRS - CAMPUS RESTINGA

Helena Patini Lancellotti²

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Professora do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga. E-mail: helena.lancellotti@restinga.ifrs.edu.br

Steicy Schirmann³

Estudante do curso de Informática do Ensino Médio Integrado do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga. E-mail: steicysilva62@gmail.com

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar um relato de experiência sobre o projeto de extensão “Acessibilidade, inclusão e direitos: Reflexões a partir dos estudos sobre deficiência” do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga. O projeto foi uma parceria com o Comitê Deficiência e Acessibilidade (CODEA) da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). O objetivo geral foi propiciar para a comunidade escolar e comunidade externa conhecimentos e reflexões acerca do campo de estudos sobre deficiência através de oficinas virtuais temáticas. Ao todo, foram realizadas seis oficinas virtuais acerca dos estudos sobre deficiência e suas interlocuções com as relações de gênero e sexualidade, raça e etnicidade, autismo e educação e movimento social das pessoas com deficiência. Como resultado, destacamos o grande alcance das oficinas, propiciando uma formação para fora dos muros da escola e da academia. Para concluir, destacamos a importância de projetos acerca dessa temática na constituição de uma sociedade mais plural, menos excludente e mais diversa.

Palavras-chave: Estudos sobre Deficiência. Diversidade. Educação.

ABSTRACT

The objective of the present work is to bring an experience report on the extension project "Accessibility, inclusion and rights: Reflections from disabilities studies" of the Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Restinga. The project was a partnership with the Disability and Accessibility Committee (CODEA) of the

¹ O projeto possuiu recurso do Edital de Ações Afirmativas do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) e do Auxílio Institucional às ações de extensão 2021 do IFRS – Campus Restinga.

² Coordenadora do Projeto de Extensão “Acessibilidade, inclusão e direitos: Reflexões a partir dos estudos sobre deficiência” do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga

³ Bolsista do Projeto “Acessibilidade, inclusão e direitos: Reflexões a partir dos estudos sobre deficiência” do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga

Brazilian Association of Anthropology (ABA). The general objective was to provide the school community and the external community with knowledge and reflections about the field of disability studies through thematic virtual workshops. In all, six virtual workshops were held on disability studies and their interlocutions with gender and sexuality, race and ethnicity, autism and education and the social movement of people with disabilities. As a result, we highlight the great reach of the workshops, providing training outside the walls of the school and the academy. To conclude, we highlight the importance of projects on this theme in the constitution of a more plural, less excluding and a more diverse society.

Keywords: Disability Studies. Diversity. Education

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é apresentar um relato de experiência do projeto “Acessibilidade, inclusão e direitos: Reflexões a partir dos estudos sobre deficiência” do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Restinga⁴. O projeto foi uma parceria com o Comitê Deficiência e Acessibilidade (CODEA) da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Teve início em julho de 2021 e finalização em janeiro de 2022. Possuiu recurso financeiro do edital de Ações Afirmativas do IFRS e contou com duas bolsistas⁵, ambas estudantes do Ensino Médio Integrado.

O objetivo geral do projeto foi propiciar para a comunidade escolar e comunidade externa conhecimentos e reflexões acerca do campo de estudos sobre deficiência através de oficinas virtuais temáticas. As ações e projetos de extensão, de maneira geral, objetivam a construção de um diálogo entre instituições educacionais e a comunidade externa, contribuindo para o compartilhamento de saberes, buscando também melhorias para a sociedade como um todo. Conforme a Política de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)⁶, a extensão é um:

[...] processo educativo, cultural, social, científico e tecnológico que promove a interação entre as instituições, os segmentos sociais e o mundo do trabalho, com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos, visando ao desenvol-

vimento socioeconômico, ambiental e cultural sustentável, local e regional.

Pensando a deficiência enquanto corpos dentro de uma estrutura social que não abarca as diversidades existentes, o projeto permitiu que os participantes pudessem compreender parte do conjunto de reflexões que têm sido elaboradas no que é conhecido como estudos sobre deficiência e suas interlocuções com debates sobre gênero e sexualidade, corpo, relações de cuidado, educação, movimentos sociais e direitos humanos. Essas discussões, por mais que estejam presentes no cotidiano profissional e da vivência escolar, nem sempre são objeto de reflexões mais aprofundadas, não alcançando as comunidades envolvidas com essas questões. Por essa razão, surge também a necessidade de uma compreensão mais teórica sobre esses fenômenos, buscando sensibilizar estudantes, docentes e demais profissionais para o tema, além de promover uma reflexão para repensar as práticas de acesso e inclusão no mundo a partir das lutas das pessoas com deficiência e as suas especificidades.

METODOLOGIA

Nos sete meses de execução do projeto foram ofertadas seis oficinas temáticas contemplando os estudos da deficiência. As oficinas foram ministradas em duplas ou trios, por antropólogos e antropólogas integrantes do CODEA e por pessoas com deficiência. As temáticas abordadas partiram de discussões iniciais

⁴ O Campus Restinga fica localizado na Restinga, um bairro localizado em uma região periférica de Porto Alegre/RS.

⁵ As estudantes Lara Barella (Egressa do curso de Lazer do Ensino Médio Integrado do IFRS) e Carolina Krum (Estudante do curso de Eletrônica do Ensino Médio Integrado do IFRS – Campus Restinga) também fizeram parte do projeto em distintas etapas.

⁶ Para ler a Política de Extensão do IFRS, acesse: https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/08/Resolucao_058_17_Completa.pdf. Acesso em out.2010.

sobre modelo⁷ médico da deficiência versus modelo social⁸ (a primeira oficina) adentrando em discussões que contemplam os estudos da deficiência e outros marcadores, tais quais, corpo, cuidado e relações de gênero e sexualidade⁹, autismo e educação¹⁰, raça e etnicidade¹¹, concluindo com a última oficina: "Nada sobre nós, sem nós: os movimentos sociais de pessoas com deficiência no Brasil"¹².

A cada oficina a coordenadora do projeto se reunia com as bolsistas para pensar nas estratégias de divulgação, inscrições e acessibilidade das ações. A difusão das oficinas era realizada através de grupos de e-mails do Instituto Federal e das redes sociais do projeto – o Instagram¹³ e o Facebook¹⁴. Nossas redes sociais contavam também com o logotipo do projeto, criado pelas estudantes:

Figura 1: Logotipo do projeto de Extensão

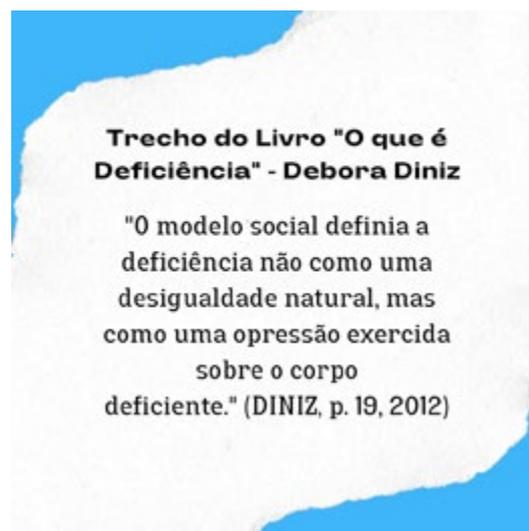


Fonte: Logotipo do projeto de extensão elaborado pelas bolsistas.

Essas redes sociais, administradas pelas bolsistas, também eram alimentadas com criação de conteúdo e reflexões provenientes da experiência com leituras sobre o tema. As postagens eram uma tentativa de aproximar os seguidores das nossas redes dos estudos sobre deficiência, seja através da divulgação de artigos e

livros, seja através de trechos explicando conceitos (conforme a figura 2). Uma preocupação era também por tornar as postagens acessíveis e utilizamos para isso os recursos de textos alternativos do Instagram e Facebook, descrevendo assim as imagens postadas.

Figura 2 – Postagem nas redes sociais do projeto



Fonte: Publicação elaborada pelas bolsistas para as redes sociais do projeto

Devido às condições da pandemia da Covid-19, as oficinas ofertadas foram no formato online. Este foi, inclusive, um dos desafios iniciais do projeto: como tornar esses espaços virtuais acessíveis? O trabalho das bolsistas foi central na pesquisa de como contornar essas dificuldades. Elas realizaram buscas na Internet por ferramentas e plataformas que atendessem demandas, como legendas e audiodescrição. Alguns dos recursos encontrados eram pagos ou não tão intuitivos como poderiam ser. Como exemplo, ferramentas que não possuíam legenda em tempo real, aplicativos que não geravam texto alternativo para suas imagens ou limitação no número de participantes nas salas.

Nos casos em que esses meios não eram adequados, alternativas viáveis precisaram ser

⁷ Oficina ministrada por Anahí Guedes e Helena Fietz

⁸ Oficina ministrada por Olivia von der Weid, Priscilla Isabel Menezes Dantas e Mônica Araujo.

⁹ Oficina ministrada por Julian Simões e Manoella Back.

¹⁰ Oficina ministrada por Valéria Aydos e Rita Louzeiro.

¹¹ Oficina ministrada por Iris Morais Araújo, Pedro Lopes e Natália Maria Alves.

¹² Oficina ministrada por Anahí Guedes e Marco Antônio Gavério.

¹³ Página do Instagram: <https://www.instagram.com/faid.ifrs/>

¹⁴ Página do Facebook: <https://www.facebook.com/faid.ifrs>

executadas. Como exemplo, oficinas que foram realizadas através do Facebook do projeto quando não havia ainda a possibilidade de legenda automática do Google Meet. Ao mesmo tempo que a interação entre oficinairos/as e participantes não foi tão efetiva nessas situações, a transmissão nesta plataforma permitiu que pessoas pudessem acessar o conteúdo da atividade em tempo real através das legendas. Além de que, um maior número possível de pessoas conseguiu acompanhar as atividades do projeto, pois não havia limitação do número de participantes na sala. Além dessa preocupação em tentar abarcar a diversidade dos corpos, todas as oficinas contaram com dois intérpretes de Libras, através da parceria com o IFRS – Campus Restinga e do recurso do edital de Ações Afirmativas do IFRS.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Acreditamos que cada oficina contribuiu para que os/as participantes se distanciassem de noções ancoradas em um modelo médico da deficiência - que individualiza a deficiência e a apresenta enquanto uma lesão que necessita de intervenção biomédica (Diniz, 2007) - e de visões reducionistas sobre esse grupo populacional, possibilitando um contato com outras formas de pensar a temática, como o modelo social da deficiência. Nesta perspectiva, a deficiência é compreendida como “o resultado das interações pessoais, ambientais e sociais da pessoa com seu entorno” (De Mello; Nuernberg, 2012, p.638). Em outras palavras, “as experiências de opressão vivenciadas pelas pessoas com deficiência não estão na lesão corporal, mas na estrutura social incapaz de responder à diversidade, à variação corporal humana” (De Mello; Nuernberg, 2012, p. 638).

De maneira geral, o retorno do público foi positivo, excedendo até mesmo as expectativas da equipe do projeto. As oficinas transmitidas pelo Facebook – Conversando sobre Deficiência e Autismo e Educação – alcançaram, respectivamente, 135 e 543 pessoas. As demais oficinas, realizadas pelo Google Meet (quando o recurso de legenda foi habilitado) tiveram presenças que variaram entre 30 e 80 participantes online. Embora tenhamos tido desa-

fos na sua execução - como a acessibilidade no meio digital e limitação de público – ofertar as oficinas online favoreceu o alcance de um público muito maior do que o esperado pelas vias habituais. Contamos com inscrições e participação de pessoas de vários estados e áreas de atuação dispostas a participar das oficinas, com um público bastante heterogêneo: professores de diversas instituições e níveis de ensino, profissionais que atuam diretamente em instituições voltadas para pessoas com deficiência, estudantes de ensino médio, graduação e pós-graduação, pessoas com deficiência e suas redes familiares e integrantes de movimentos sociais.

Em cada oficina, era perceptível o entrosamento dos/das oficinairos/as com os interlocutores: os diálogos fluíam e as discussões rendiam ótimas reflexões a respeito dos temas abordados, não só por parte dos responsáveis pela oficina como também por parte de quem estava como audiência. Algumas vezes esse entrosamento ia para além das oficinas, que só fizeram ponto entre o conhecimento e o receptáculo, mas que não punham limite no alcance dessas informações.

Ainda que o formato do projeto tenha sido online, conseguimos apreender o engajamento dos participantes nas oficinas. Além de conseguirmos visualizar essa participação no momento dos debates promovidos pelos/as oficinairos/as, foi possível visualizar o alcance do público através dos formulários de avaliação de cada oficina. Nesses formulários, buscamos abarcar questões como sugestões de acessibilidade e indagações sobre como descobriram o projeto, o interesse em relação ao tema e o processo de aprendizagem durante as ações. De uma maneira geral, os/as participantes conseguiram absorver as temáticas abordadas nas oficinas e procuraram o projeto por interesses acadêmicos e pessoais. As menções também envolviam a problemática do tempo: por vezes as duas horas das oficinas não eram suficientes para contemplar todas as questões do público.

Além do retorno positivo quanto ao aproveitamento das falas dos/as oficinairos/as, também ocorreram manifestações sugerindo temáticas de interesse do público participante. Alguns

dos temas que apareceram nos formulários diziam respeito a questões de educação/aprendizagem e pessoas com deficiência, reflexões acerca de deficiência e maternidade/paternidade, relacionamentos afetivos, mercado de trabalho, deficiência e povos indígenas, dentre outros. Na nossa visão, esse engajamento do público demonstra a importância e relevância desta temática para futuras ações de extensão. Devido ao grande alcance do projeto e buscando fomentar o diálogo acerca da temática, uma última ação desenvolvida pelas bolsistas foi a criação de uma pasta no Drive¹⁵ com os artigos sugeridos pelos/as oficinairos/as acerca das temáticas trabalhadas. Uma tentativa de expandir os diálogos e divulgar a produção científica e acadêmica dos estudos sobre deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Expandir o diálogo sobre o tema da deficiência para além dos muros da escola, tendo como

o fio condutor discussões produzidas por antropólogas e antropólogos e do lugar de voz de pessoas com deficiência, significa uma mudança na própria maneira de pensar a deficiência e pessoas com deficiência: como sujeitos de direitos e não enquanto corpos envolvidos por práticas e discursos de caridade. Significa ampliar noções enraizadas do que é considerado enquanto normalidade e dos mecanismos e discursos políticos que a constituem, fomentando uma sociedade mais plural, menos excludente e mais diversa.

Através dessas oficinas e da sua relação com a Antropologia e os estudos sobre deficiência fica evidente a importância de estudos antropológicos para comunidades de não antropólogos. Com este projeto de extensão, também tivemos a oportunidade de não apenas acessar os achados do trabalho de campo de acadêmicos, mas também trazer à tona o que as pessoas com deficiência tem a dizer sobre seus corpos e suas existências.

REFERÊNCIAS

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. Brasiliense, 2017.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, p. 635-655, 2012.

¹⁵ Para acessar o material do Drive: https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1EOuiw81fIZ_vguWBJD20BCxppqKj69D4P